


ROUPA, MEMÓRIA E AXÉ: REFLEXÕES POSSÍVEIS SOBRE AS VESTES UMBANDISTAS À LUZ DA DECOLONIALIDADE

Medina, Isis Saraiva Leão; Mestranda; Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ),
isismedina@ufrj.br¹

RESUMO

Este trabalho apresenta algumas reflexões iniciais para o desenvolvimento da pesquisa de mestrado em andamento da autora, que pretende pensar como a indumentária afro-religiosa de umbanda se constrói historicamente a partir de memórias da experiência afro-diaspórica e escravocrata vivida por negras e negros no Brasil, a partir de seus modos de vestir. Como ponto de partida nos estudos iniciais do mestrado, foi percebida a relevância de desenvolver reflexões que observem a indumentária a partir de discussões e epistemologias decoloniais, ou seja, olhares que transgridem a colonialidade do poder e o eurocentrismo assentados na subalternização do outro (QUIJANO, 2005), como enuncia uma *epistemologia das macumbas* pensada por Simas e Rufino no *Fogo no mato: a ciência encantada das macumbas*, visto que “a agenda colonial produz a descredibilidade de inúmeras formas de existência e de saber, como também produz a morte, seja ela física, através dos extermínio, ou simbólica, através do desvio existencial” (2018, p. 11). Percebendo o corpo como campo de entrelaçamento entre indivíduo e sociedade e as vestes como elementos significadores dos corpos (CALANCA, 2008), sendo uma ligação entre o corpo biológico e o ser social (BONADIO, 2015), a indumentária umbandista se apresenta como um dos elementos centrais na compreensão e construção do universo religioso do terreiro de umbanda, visto que neste contexto o corpo é o elemento principal - através do corpo há o contato entre o *Orún* e o *Aiyê*, o invisível e o visível. Nesse sentido, o modo como os sujeitos se relacionam religiosamente com a indumentária de terreiro pressupõe saberes ancestrais que foram colocados à margem em nome de um projeto colonial. Se historicamente os estudos de moda também são permeados pelo eurocentrismo e sua colonialidade do poder/saber, centrando suas perspectivas à Europa, assumimos

¹ Mestranda em História Social pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (PPGHIS/UFRJ), com apoio do CNPq. Graduada em Design-Moda pela Universidade Federal do Ceará (UFC). Estuda, na sua pesquisa de mestrado, a indumentária de umbanda como objeto de memória da população afro-diaspórica no Brasil. Possui interesse em pesquisas no campo de História da Moda e a relação entre modos de vestir, história, cultura e decolonialidade; Religiões Afro-brasileiras e História do Brasil.



como necessárias, para este trabalho, reflexões que se debruçam sobre modos pós-coloniais e decoloniais de perceber os saberes afro-brasileiros para que, então, os modos de vestir de Terreiros possam ser investigados, atendendo à hipótese central da pesquisa, a de que seja possível identificar a presença de memórias ligadas à diáspora africana e às experiências de homens e mulheres negras no Brasil escravista nas vestes afrorreligiosas de umbanda. Por isso, esta pesquisa é composta por reflexões orientadas por estudos bibliográficos de alguns autores que questionam os limites ocidentais do saber, como Edward W. Said, Aníbal Quijano, V. Y. Mudimbe, Aimé Césaire, Luiz Antonio Simas, Luiz Rufino, Muniz Sodré, entre outros. Busco, então, trazer estes diálogos para o campo da moda, amparada por pesquisadoras como Hanayrá Negreiros, Beatrice Rossotti, Renata Pitombo etc., com o objetivo de tecer novas encruzilhadas, campos de possibilidades, para se pensar a indumentária de Terreiro, podendo contribuir para um campo que se interessa cada vez mais por uma história da moda contada de diferentes perspectivas.

Palavras-chave: Decolonialidade; Indumentária; Umbanda; Epistemologia das macumbas; Diáspora africana.

